

Um enigma incrustado no Sertão da Bahia: Paulo Afonso, um polo de incertezas

“Olhando pra Paulo Afonso
Eu louvo nosso engenheiro
Louvo o nosso cassaco
Caboclo bom verdadeiro
Oi! Vejo o nordeste
Erguendo a bandeira
De ordem e progresso
A nação brasileira
Vejo a industria gerando riqueza
Findando a seca
Salvando a pobreza”

Assim canta Luiz Gonzaga na música Paulo Afonso

1. Justificativa

A minha inquietação nasce da dúvida de como se dá o processo de construção de barragens e posteriormente das usinas hidrelétricas na região da parte baiana do médio São Francisco que faz fronteira com os estados de Alagoas, Sergipe, e Pernambuco. A abrupta metamorfose na dinâmica ecológica, biológica, marítima e cultural que se observa no desenrolar de um movimento macro do capitalismo internacional, onde as fronteiras nacionais se diluem ao deleite do expansionismo ideológico e material, fará com que a ocupação territorial e humana na região caracterizada por compor a margem dos principais debates nacionais seja posta em evidência, emplacando as capas de jornais dos grandes centros urbanos e sendo central no debate do futuro energético do país. Meu objeto de estudo é investigar as conexões entre o desenvolvimento no Sertão baiano, através da CHESF e o papel da Indústria - Complexo Militar Estadunidense na transferência de tecnologia e relações sócio-políticas em Paulo Afonso e região. A unilateralidade e a brutalidade chamam minha atenção no surgimento da CHESF, logo que a mesma é criada após o amadurecimento do movimento político que levou à intensificação das relações sociopolíticas entre o Estado brasileiro e o recém novo polo de hegemonia no pós guerra que é os Estados Unidos. Essa relação iniciada em 1942 com a Missão Cooke¹, posteriormente seguida pela Missão Abbink², onde o Estado

¹ <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/missao-cooke>

² <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/missao-abbink>

brasileiro a reboque de uma conjuntura internacional de reestruturação produtiva pós-guerra se viu impelido pelos relatórios divulgados pelas comitivas estadunidenses a readequar por meio de um investimento monumental de cunho estatal sua matriz energética, mediante projetos visando a infraestrutura produtiva e o desenvolvimento regional. Logo, o relatório da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos³ é absorvido em partes pela dinâmica política de reprodução do capitalismo dependente brasileiro e se projeta uma curva na história energética e ecológica do País. Em uma análise do discurso proferido pelo Deputado Federal Luiz Viana Filho a Camera dos Deputados em 1947 sobre o Aproveitamento Econômico do Vale do São Francisco⁴ destaco as observações apresentadas acerca das diferenças entre o ecossistema do rio São Francisco e a do Vale do Tennessee e as possíveis transformações na região sertaneja.

Imagem 1

Também contra o Tennessee, na Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, uma corrente de opinião se levantou declarando que aquelas obras grandiosas, mas de enorme dispendio, iriam beneficiar quase que exclusivamente uma região. Dois presidentes — Coolidge e Hoover — as vetaram.

Está provado, entretanto, hoje, pelo citado Relatório, que 54% de todas as despesas do Tennessee são feitas, não nos sete Estados marginais do vale, mas nas demais unidades que compõem a federação americana.

Também no São Francisco, quando para ali carregarmos as somas vultosas, porém indispensáveis para as obras de que carecemos, nessa ocasião teremos criado para o Brasil, para suas indústrias, em todo o Norte e em todo o Sul, um imenso centro consumidor. Ao mesmo tempo teremos aberto às necessidades nacionais novos mercados e novas fontes de produção.

Fonte: O aproveitamento econômico do vale do São Francisco, p. 5, 1947.

³ Disponível em:

http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201109231638540.MD2_0_277_1.pdf

⁴ Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/91489/O%20aproveitamento%20do%20Vale%20do%20S.%20Francisco.pdf?sequence=4&isAllowed=y>

Imagem 2

Isso, aliás, levou Hafeld a dizer que era erro compararmos o São Francisco ao Mississippi porque, enquanto o Mississippi é rio estreito e profundo, o São Francisco é rio que tende a se alargar e, cada vez mais, oferecer menor calado, e, portanto, pior navegabilidade, prejudicando, sem dúvida, sua função precípua na vida econômica de região e na existência da nacionalidade.

Aliás, num dos depoimentos prestados, perante a Comissão do São Francisco, instituída por esta Casa e que tão relevantes serviços vem prestando ao exame dos problemas do rio, dizia o Sr. Adozino de Oliveira, se não me falha a memória, que, para compensar este mal, só havia um caminho: o de se realizar, no S. Francisco, o que se havia feito na margem do Garonne, na França, isto é, a consolidação das margens. Também lá se agravava, dia e dia, com a erosão das margens, o problema da navegação.

Fonte: O aproveitamento econômico do Vale do São Francisco, p. 5, 1947

Objetivo

Verificar o contexto sócio-político da inserção do Sertão no circuito do desenvolvimento capitalista mundial, tomando por base as ações da Companhia Hidroelétrica do Vale do São Francisco - CHESF através das conexões com a Tennessee Valley Authority - TVA e os prováveis desdobramentos nas relações de produção e em especial nas relações sociais decorrentes dessa conexão entre o Estado brasileiro e suas históricas vinculações com o capitalismo estadunidense.

3. Hipótese

A dinâmica capitalista da inserção do Sertão que de modo geral é concebido como um lugar inóspito e vazio, avesso à civilização e a modernidade, se contradiz com a

dinâmica do desenvolvimento capitalista na região através da CHESF e a implementação do complexo hidrelétrico que dentre outras dimensões serviu como um dos pilares para a industrialização tardia e dependente brasileira. Parte-se da premissa que mesmo nesse contexto a CHESF através de suas vinculações com os EUA manteve uma interlocução internacional baseada no desenvolvimentismo, acumulação de capital e relações dependentes com o capitalismo nascente, de certa forma pouco estudado no Sertão, uma vez que a produção acadêmica até então se concentra acerca da temática no Sul e Sudeste.